

## Apuro(s) nas Artes

Gilton Monteiro Jr.<sup>1</sup>

A cultura é a regra, a arte é a exceção. Faz parte da regra desejar a morte da exceção<sup>2</sup>. Esta perspicaz formulação do cineasta Franco-suíço Jean Luc Godard exprime por si só a situação constrangedora que a forma de vida do ocidente moderno impõe aos fatos estéticos. Ela toca, entre outras coisas, na função e lugar que a arte vem ocupando em uma sociedade movida pela razão instrumental e uma agressiva mercantilização cultural. As diferenças e os contrastes entre as atividades artísticas e culturais tornam-se substanciais ao expor uma parte significativa desta dinâmica estrutural totalitária, sujeita à esfera do econômico, que arrasta consigo os campos das linguagens e da axiologia.

Os apuros que afligem o fenômeno estético há pelo menos 200 anos é condição intrínseca de um processo no qual o jogo entre obsolescência e novidade dita as formas de vida moderna, segundo a lógica do consumo. A aquisição de uma consciência cada vez mais avançada dessa situação permitiu aos artistas lançarem mão de posturas, recursos e ideias tão autênticas quanto ousadas e inovadoras, mas também perigosas.

Desde a década de 1820, pelo menos, pintores como Gustav Courbet contribuía para abalar os alicerces da paradigmática estética clássica e dos ideais românticos, pondo de lado os valores a elas associados. Estava em curso uma sensibilidade que alteraria radicalmente os lugares e as funções da arte no quadro histórico da sociedade ocidental. Procurando escapar ao cerco ideológico da tradição, essa situação forçava o surgimento de novos aparatos epistêmicos (crítica, teoria) para o entendimento e legitimidade do que vinha sendo concebido pelos artistas.

Deixando de sublimar em si as dualidades, aspirações, ideologias e o conteúdo moral culturalmente herdado do passado, para traçar seu próprio destino em meio à dinâmica da vida burguesa moderna, a atividade artística

1

Gilton Monteiro Jr. é artista graduado em Artes pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutorado-se em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Realizou Estágio pós-doutoral em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com bolsa do CNPq. Atualmente é bolsista PNPd do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua como professor colaborador.

2

GODARD, Jean-Luc. JLG/JLG. PARIS: P.O.L Editeur, 1996. Pág. 14-17.



assume em sua *Forma* o embate direto com o público, instituições e os novos interesses em circulação. Além do quê, sem os subsídios do aparato eclesiástico e monárquico, os artistas confrontavam mais e mais as leis do livre mercado. Do ponto de vista estético, tudo o que havia de volátil e corriqueiro no ambiente social motivado pelo tecnicismo e pela nova lógica de produção em série converte-se em matéria geral para o artista. As novas temáticas convocavam um novo olhar, uma nova audiência, um novo modo de atenção. As artes se mostravam prementes em seus assuntos e formas: queriam-se em contato direto com o ambiente que surgia, com o Real que nele se produzia, abdicando do tradicional aparato metafísico do qual, até então, dependia.

O regime do *novo*, esse éthos da empresa artística moderna é, portanto, um sintoma da *crise* que mantém a arte à beira do abismo. A ruptura que ele operava atingia em cheio a tradição, mas também a assertividade do senso-comum burguês. O(s) apuro(s) do novo para a arte consistia(m) exatamente naquilo que ele prometia como sua redenção. O *não-lugar* que a novidade estética ensejava fazia da *forma artística* um acontecimento atual, desprovido de critérios *a priori* que pudessem lhe qualificar. As teorias estéticas da modernidade procuravam acompanhar esse processo, garantindo à arte sua "eficácia simbólica".

Assim, com seu sinal inverso ao pragmatismo vulgar do cotidiano com sua forma de vida reificada, a arte passava a lidar com as ameaças típicas de quem ocupa uma situação lateral na vida cultural. Vê-se, então, usufruindo de uma existência ao mesmo tempo potente e frágil, assombrada por todos os riscos que lhe impunham a forma-mercadoria, à qual estava invariavelmente atrelada. Além disso, a propalada *necromania*, os ostensivos diagnósticos de morte que marcam os debates artísticos desde a estética hegeliana, é o trauma que, por si só, expõe o nível dos apuros em jogo no âmbito dos anseios modernos.

Atuando à margem e a contrapelo de todo sistema, as linguagens condensaram uma boa quantidade de energia, perspicácia, inteligência que não se deixavam dispersar tão facilmente. Elas apuravam e radicalizavam cada vez mais sua performance estética.

Mas saturadas as estratégias e esgotadas as aspirações modernas, o que pensar quando nos situamos em um momento onde a força ubíqua do mercado parece agir por todas as partes, absorvendo e alimentando,



quando não produzindo as demandas que antes eram engendradas em uma conflituosa tensão estético-ideológico-cultural?

Não que os conflitos ideológicos tenham se diluído: ao contrário, eles estão sempre presentes. Não que a força bruta e entorpecente que se impõe pela cultura de consumo tenha deixado de ser uma ameaça. Enfim, não que o jogo deixe de estar sendo jogado. Acontece que suas regras já não são as mesmas. Por vários motivos suas condições, em especial nos últimos 40 anos, parecem ter sido alteradas. Ora, ao menos no que diz respeito às artes visuais, a porosidade das instituições e do mercado, assimilando em sua lógica interna os avanços que antes eram estritos às audácias das proposições artísticas, não afrouxam, mas acirram os apuros (em ambos os sentidos do termo) que sempre lhes espreitaram. Além do mais, o que esperar do típico hedonismo dos visitantes de museus, com seu "olhar turístico", passivo e consumista abordando as artes como meros atrativos (leia-se, objetos de fetiche)? Mas, de todo modo, seriam esses apuros menores? Talvez!

Direta e indiretamente, os artigos e ensaios presentes nesta edição tratam dos riscos e refinamentos postos para as distintas formas de produções artísticas (arte, música, cinema). Esperamos, assim, tocar em alguns pontos de uma temática que se mostra, ainda hoje, tão ampla e complexa. Afinal de contas, os perigos e apuramentos parecem continuar movendo, externa e internamente, as empresas estéticas. E se as sucessivas (não raro espetaculares) novidades artísticas pareçam hoje naturalizadas, isto, por si só, não é um sinal de salvação.

O filósofo Walter Benjamin já alertava que o romance consistia em um fato cultural eminentemente histórico, tendo sua origem em um determinado momento e exatamente por isso, podendo em algum instante deixar de existir. Já estamos muito longe daquela atmosfera espiritual que autorizava a arte ser portadora de uma redenção qualquer para a vida. Mas como não reconhecer que, em boa parte, é ela que vem, com sua verdade, redimindo muito de nossa sensibilidade, ideias, pensamentos?

